

A Hora da Prova

Leitura Bíblica 16

V. DA SEGUNDA À TERCEIRA PÁSCOA (continuação).

- X. Jesus retira-Se do território de Herodes (e volta) (continuação).
 2. Alimentando os cinco mil homens (Mateus 14:13–21; Marcos 6:33–44; Lucas 9:11–17; João 6:2–14).
 3. Andando sobre a água (Mateus 14:22–36; Marcos 6:45–56; João 6:15–21a).
- Y. O discurso de Jesus sobre o pão da vida (e a confissão de Pedro) (João 6:21b–71).

INTRODUÇÃO

Esta lição começa com um dos milagres mais notáveis de Jesus, a multiplicação para os cinco mil; e termina comentando um dos discursos mais cruciais, o sermão sobre o pão da vida. O milagre foi um dos pontos culminantes do Seu ministério terreno; o discurso desencadeou um dos momentos mais baixos.

Nesta lição, destacaremos duas palavras. A primeira é a palavra “prova”. Antes de Jesus alimentar a multidão, Ele perguntou a Filipe: “Onde compraremos pães para lhes dar a comer?” (João 6:5b). João escreveu que o Senhor estava dizendo isso “para pô-lo à prova” (João 6:6; NVI, grifo meu). A conversa com os apóstolos que ocorreu em seguida pôs à prova os outros onze também.

A segunda palavra que destacaremos é “crer” ou “ter fé”. No sermão sobre o pão da vida, ocorrem vários termos equivalentes à palavra “crer” (João 6:29, 35, 36, 40, 47). Já observamos que Jesus havia começado a enfatizar cada vez mais a necessidade de terem fé¹.

Chegara a hora de Cristo começar a pôr à prova os Seus seguidores, para provar se realmente criam nEle ou não. As palavras “pôr à prova” e “crer” não se encontram em cada um dos episódios que estudaremos nesta lição—mas, estava implícita, em cada episódio, uma prova de fé aos que alegavam seguir o Senhor.

UMA PROVA NUMA PLANÍCIE GRAMADA (MATEUS 14:13–21; MARCOS 6:33–44; LUCAS 9:11–17; JOÃO 6:2–14)

No final da lição anterior, Jesus havia proposto que Ele e os apóstolos fossem de barco para a mar-

¹Releia a introdução à lição “Você crê?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

gem oriental do mar da Galiléia (Marcos 6:30–32; veja Mateus 14:13; João 6:1)². O destino deles foi uma região deserta em algum lugar próximo a um povoado chamado Betsaida-Julias (Lucas 9:10).

Ao se aproximarem da praia, formou-se uma multidão—centenas de pessoas, além de outras chegando a cada minuto³. Cristo bondosamente “com-padeceu-se deles”. Como era Seu costume, começou a ensinar e curar os doentes (Mateus 14:14; Marcos 6:34; Lucas 9:11).

A Fé Provada: “Vocês confiam⁴ que Eu suprirei suas necessidades?”⁵

O dia transcorria e a multidão continuava aumentando, até somarem milhares (Lucas 9:14). A prova começou:

Então, Jesus, erguendo os olhos e vendo que grande multidão vinha ter com ele, disse a Filipe: Onde compraremos pães para lhes dar a comer? Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que estava para fazer (João 6:5, 6).

Filipe entendeu as palavras de Cristo como uma prova de sua capacidade de calcular, e respondeu: “Não lhes bastariam duzentos denários de pão, para receber cada um o seu pedaço” (João 6:7).

Logo depois, a mesma prova básica de fé foi dada aos demais apóstolos:

²Se quiser, faça uma revisão dos motivos que levaram Jesus a propor essa retirada. (Releia a última parte da lição anterior.)

³Veja um relato mais completo desse incidente no sermão que vem a seguir. Por ora, pelo menos, enfatize a importância deste acontecimento.

⁴Usaremos o termo “confiar” nos subtítulos, porque a confiança é um componente essencial à fé que salva.

⁵Os subtítulos usados a partir daqui, embora não apareçam no texto bíblico, refletem as provas que Jesus estava aplicando aos Seus discípulos.

Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer (Mateus 14:15, 16).

Os doze entenderam a ordem de Cristo para “dar de comer” à multidão como uma prova da competência deles em verificar os recursos disponíveis. Eles mesmos não tinham levado provisões⁶, e tudo o que uma apuração realizada entre a multidão angariou foi a merenda de um menino (Mateus 14:17).

Tenhamos em mente que os discípulos haviam visto o Senhor realizar muitos milagres, incluindo acalmar uma tempestade e ressuscitar mortos. Nesta ocasião, eles haviam acabado de vê-lo curar doentes. Além disso, recentemente, Jesus havia lhes concedido poder para realizarem milagres (Mateus 10:1). Apesar de tudo isso, eles tiveram dificuldade para entender que se Cristo podia realizar determinado milagre, Ele podia realizar qualquer milagre⁷—incluindo a multiplicação de uma porção de pães e peixes para alimentar cinco mil homens, além de mulheres e crianças.

Segurando nas mãos o escasso alimento, Jesus mandou a multidão assentar-se no gramado (Mateus 14:19) para comer—tendo apenas cinco pães e dois peixinhos⁸ à mostra. E assim a prova de fé estendeu-se a todos os presentes. Os discípulos e a multidão tiveram fé pelo menos o suficiente para fazer o que Cristo ordenara.

Os Resultados da Prova: Uma Refeição— E Incompreensão

Quando somos postos à prova, geralmente ficamos ansiosos por saber o resultado. Neste caso, a fé dos presentes foi recompensada: a merenda de um menino transformou-se num *buffet* completo e farto para milhares de pessoas famintas:

Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios. E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças (Mateus

⁶Isto está implícito. Se tivessem trazido algum alimento, certamente o teriam alistado no relatório dos itens disponíveis apresentado a Jesus. O fato de não terem levado nada é um provável indicador da rapidez com que saíram do território de Herodes. Certamente planejavam comprar alimento numa cidade próxima (veja João 4:8).

⁷A incapacidade deles neste aspecto é salientada mais adiante da narrativa; veja Marcos 6:42.

⁸Veja no sermão que vem a seguir comentários sobre o tamanho dos pães e dos peixes.

14:20, 21; veja também Marcos 6:41–44; Lucas 9:16; João 6:12).

Os “clientes” ficaram muito satisfeitos⁹—mas não perceberam que a própria refeição era mais uma prova: uma prova de como compreendiam Jesus e Seu ministério. Empolgados, disseram entre si: “Este é, verdadeiramente, o profeta¹⁰ que devia vir ao mundo” (João 6:14). Aquele era Quem eles estavam aguardando!¹¹ Não demorou muito para formularem planos “com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei” (João 6:15).

“Proclamar Jesus como rei”? Ele já era Rei desde o nascimento (Mateus 2:2)¹²—mas o povo tinha em mente o conceito popular judaico de um rei terreno: alguém que os liderasse vitoriosamente contra seus inimigos. O último milagre de Jesus aguçou-lhes a imaginação: Ele poderia servir não apenas como general do exército, mas também como um intendente¹³—suprindo as tropas com as refeições diárias! Não entendiam que aceitar Jesus como um rei terreno equivalia a rejeitá-lo como Rei espiritual.

Sabendo quais eram as intenções do povo, Cristo frustrou seus planos enviando os discípulos¹⁴ para outro lugar e despedindo a multidão¹⁵. Então,

⁹João 6:26 descreve o entusiasmo deles.

¹⁰O povo parecia ter em mente a declaração de Moisés de que Deus ressuscitaria um profeta como ele mesmo (Deuteronômio 18:15). O sermão de Jesus proferido no dia seguinte indica que o povo estava comparando-o a Moisés (veja João 6:31, 32, 49, 58).

¹¹Perto do final do ministério de Jesus, uma empolgação semelhante tomou conta da multidão quando Cristo fez Sua entrada triunfal em Jerusalém (veja Mateus 21:1–11, 14–17; Marcos 11:1–11; Lucas 19:29–44; João 12:12–19).

¹²Num sentido, Jesus só foi coroado Rei quando voltou para o Pai. Todavia, como Ele próprio admitiu ser “Rei dos judeus” (Mateus 27:11), devemos considerar correta a afirmação dos magos.

¹³N. da Trad.: Intendente é um oficial do exército responsável pela acomodação, alimentação e equipamentos.

¹⁴Jesus mandou irem a Betsaida/Cafarnaum (Marcos 6:45; João 6:17). (Essa Betsaida ficava perto de Cafarnaum, sendo talvez subúrbio dela.) O texto bíblico não revela por que Jesus deu essa ordem. Talvez Ele quisesse que a complacência deles com a sua ordem influenciasse a multidão a ir embora também. Talvez Ele não quisesse que eles fossem envolvidos pelo equivocado zelo da multidão. Afinal, eles também relutavam com falsos conceitos materialistas do reino.

¹⁵Muitos dentre a multidão ficaram na circunvizinhança (João 6:22), mas Jesus pelo menos esfriou a excitação dispersando-os.

abatido¹⁶, Ele subiu um monte próximo¹⁷, a fim de ficar só e orar (Mateus 14:22, 23; Marcos 6:45, 46; João 6:15–17a).

UMA PROVA NUM MAR TEMPESTUOSO (MATEUS 14:22–33; MARCOS 6:45–52; JOÃO 6:15–21a)

Quando Jesus disse aos discípulos para entram no barco e irem a Cafarnaum, eles aparentemente esperavam que Ele Se juntasse a eles, assim que dispensasse a multidão (veja João 6:17). Talvez tenham esperado na praia; talvez tenham remado certa distância para depois esperar. Constatando que o Senhor não lhes ia ao encontro, por fim começaram a atravessar o mar.

A Fé Provada: “Vocês confiam que Eu os protegerei?”

Mais ou menos na metade da travessia do mar¹⁸, foram atingidos por um temporal repentino, característico daquelas águas¹⁹. João escreveu que “o mar começava a empolar-se, agitado por vento rijo que soprava” (João 6:18). Mateus acrescentou que o barco era “açoiado pelas ondas” (Mateus 14:24). O vento estava soprando do oeste, a direção para onde estavam tentando ir (Mateus 14:24; Marcos 6:48), por isso alçaram as velas e começaram a remar (Marcos 6:48). Remaram horas²⁰, sem progresso algum naquelas águas agitadas. Dá para imaginar o cansaço e o desespero deles. Mais uma vez, a fé dos apóstolos estava sendo provada²¹. Jesus já os resgatara antes acalmando uma tempestade²², mas nesta ocasião Ele não estava com eles. Desta vez, Ele estava longe.

¹⁶Isto está implícito. Jesus tinha uma série de razões para estar abatido. Além da incompreensão geral demonstrada nessa ocasião pelos apóstolos e pela multidão, Ele ainda não tivera a oportunidade de lamentar pela morte do Seu primo, João Batista.

¹⁷Havia um monte na região (João 6:3). Jesus provavelmente sentou-se na encosta desse monte para ensinar e depois desceu até a planície para alimentar o povo.

¹⁸O original grego diz “uns vinte e cinco a trinta *estádios*” (João 6:19), medida romana que equivale a “uns cinco ou seis quilômetros” (NTLH).

¹⁹Leia o comentário sobre o mar da Galiléia na página 17 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

²⁰Haviam partido em determinada hora do entardecer quando já “se fazia escurecer” (veja João 6:16, 17), mas Jesus só foi até eles na “quarta vigília da noite” (Mateus 14:25; Marcos 6:48), que ficava entre as três e as seis da manhã.

²¹Jesus não mandou a tempestade, mas toda crise na vida põe à prova a nossa fé nEle.

²²Veja a lição “Quem é este?”, na edição “A Vida de Cristo—Parte 5”, desta série.

Embora Cristo estivesse separado deles por quilômetros, Ele estava ciente do apuro pelo qual passavam. Marcos escreveu:

Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra. E, *vendo-os em dificuldade a remar*, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar... (Marcos 6:47, 48; grifo meu).

Andar sobre a água é um dos milagres de Jesus mais conhecidos. Ao visualizar a cena mentalmente, não imagine Jesus caminhando sobre uma superfície macia e tranqüila, como geralmente se retrata. Antes, veja—O subindo e descendo à tona—primeiro na crista de uma onda e depois num vale entre marolas—caminhando por sobre um mar agitado pela tempestade.

Enquanto Cristo aproximava-se do barco, os discípulos o avistaram—talvez sob o clarão de um relâmpago. Ficaram mais assustados com o aparecimento inesperado de Jesus do que com a tempestade²³. “E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma²⁴! E, tomados de medo, gritaram” (Mateus 14:26; Marcos 6:49, 50a). Jesus abrandou o medo deles, exclamando: “Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!” (Mateus 14:27; veja Marcos 6:50b; João 6:20).

Temos então em Mateus 14 a história marcante de Pedro andando por sobre as águas. Ele gritou para Cristo: “Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas” (v. 28). “E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus” (v. 29). Sempre ouvi o comentário de que enquanto o discípulo manteve os olhos fitos em Jesus, ele conseguiu flutuar—mas quando virou os olhos para o mar agitado pelo vento, “teve medo” e começou a afundar (v. 30a). Ele gritou: “Salva-me, Senhor!” (v. 30b). “E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?” (v. 31). Assim como nós, Pedro teve fé suficiente para começar a andar, mas não o suficiente para ir até o fim.

²³O relato de Marcos diz que Jesus “queria tomar-lhes a dianteira” (Marcos 6:48). Já sugeriram que Jesus “queria tomar-lhes a frente” para evitar que se assustassem, e pode ser esse o caso. Os outros relatos, porém, indicam que Jesus estava indo “ter com eles” (Mateus 14:25; João 6:19). O grego traduzido por “tomar” em Marcos 6 poderia ser traduzido por “ir lado a lado” e pode ser esse o significado aqui.

²⁴Por que pensaram que fosse um fantasma não sabemos; mas convém lembrar que a superstição reinava nos corações dos homens daquela época.

Resultados da Prova: Calmaria—e Confusão

Os discípulos ajudaram Jesus e Pedro a entrar no barco (veja João 6:21a; Mateus 14:32a). Imediatamente²⁵, “o vento cessou” e “ficaram entre si atônitos” (Marcos 6:51). Então, “os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!” (Mateus 14:33).

Essa parece ser uma daquelas histórias com final feliz, mas o relato de Marcos indica que, na verdade, os apóstolos falharam numa prova crucial. Marcos registrou que “não haviam compreendido o milagre dos pães” (Marcos 6:51b, 52a). Além de expressarem a preocupação de Jesus, os milagres por Ele realizados tinham implicações teológicas. Que “discernimento” os discípulos teriam obtido com “o incidente dos pães”? Eles deveriam aprender que se Ele teve poder para alimentar a multidão na planície, também tinha o poder para protegê-los no mar.

Segundo Marcos, o problema dos apóstolos era que “o seu coração estava endurecido” (Marcos 6:52b). Até certo ponto, entendiam e admiravam Jesus, possuíam uma dose de fé, mas era difícil para eles confiar-Lhe suas vidas e corações totalmente. Esse problema em particular não surgiu nem desapareceu com os doze.

UMA PROVA NUMA SINAGOGA LOTADA (MATEUS 14:34–36; MARCOS 6:52–56; JOÃO 6:21b–71)

Houve mais um milagre naquela noite tempestuosa. João escreveu que assim que Jesus e Pedro entraram no barco, “logo o barco chegou ao seu destino” (João 6:21b). Desembarcaram na planície de Genesaré²⁶, uma região fértil de Cafarnaum (Mateus 14:34; Marcos 6:53). Jesus seguiu para Cafarnaum, curando pessoas pelo caminho (Mateus 14:35, 36²⁷; Marcos 6:54–56).

Nesse ínterim, a multidão que estava na margem oriental do mar descobriu que Jesus não estava mais ali (João 6:22, 24). Quando os barcos chegaram da margem ocidental, trataram de ir para a outra

margem do mar até Cafarnaum, onde esperavam encontrar Jesus (João 6:23, 24)²⁸.

A Fé Provada: “Vocês confiam que Eu lhes dou vida?”

A multidão que procurava Jesus encontrou-O ensinando na sinagoga (João 6:59). Perplexos com o fato de Ele ter saído sem que notassem (João 6:22), indagaram: “Mestre, quando chegaste aqui?” (João 6:25b). Essa foi a primeira de muitas perguntas dirigidas ao Senhor naquele dia. Os indagadores achavam que estavam colocando Jesus à prova; na verdade, eles é que foram postos à prova. Era hora de exporem sua fé—ou sua falta de fé. Na verdade, houve uma série de provas, começando pela multidão e afunilando nos apóstolos. Jesus queria que cada indivíduo presente se perguntasse: “O que me atrai a esse Homem? Por que eu O sigo? Quem eu realmente penso que Ele é?”

1) *A multidão posta à prova.* Em vez de responder a pergunta sobre Sua chegada a Cafarnaum, Jesus começou Seu discurso sobre o pão da vida. Ele acusou a multidão de segui-LO por motivos errados²⁹:

...Em verdade, em verdade vos digo: vós me procurais, não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos fartastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna (João 6:26, 27a).

Cristo estava tentando levar Seus ouvintes a examinarem seus motivos e prioridades—mas o que eles entenderam foi que se *trabalhassem*, poderiam obter uma *comida imperecível*. Então, perguntaram: “Que faremos para realizar as obras de Deus?” (João 6:28). Isto proporcionou a Jesus a oportunidade de introduzir o tema da Sua apresentação: “A obra de Deus é esta: que *creiais* naquele que por ele foi enviado” (João 6:29; grifo meu).

A multidão não gostou do rumo que a conversa estava tomando. Tomando os fariseus como exemplo (veja Mateus 12:38), pediram por um sinal: “Que sinal fazes para que o vejamos e creiamos em ti?” (João 6:30). No dia anterior, Cristo havia dado a eles

²⁵A idéia de que esses acontecimentos ocorreram “imediatamente” é sugerida em João 6:21.

²⁶Ocasionalmente, o mar da Galiléia era chamado de “o lago de Genesaré” (Lucas 5:1) devido à proximidade dessa região. Veja o mapa na página 15 da edição “A Vida de Cristo—Parte 3”, e reveja o artigo “O Mar da Galiléia” nessa mesma página.

²⁷Veja os comentários sobre as pessoas tocando na orla das vestes de Jesus na página 27 da edição “A Vida de Cristo—Parte 5”.

²⁸Os barcos vinham de Tiberíades na margem ocidental. Os marinheiros devem ter visto a multidão e aportado no local na esperança de faturar algum dinheiro transportando-as para onde quisessem ir. Anteriormente, essa mesma multidão andara a pé de Cafarnaum, mas ir de barco teria sido muito mais fácil.

²⁹O espaço limitado impede um comentário versículo por versículo a respeito deste grandioso sermão. Faz-se necessário usar uma versão simplificada da conversa entre Jesus e Seus indagadores. Obtenha mais idéias sobre esse sermão na lição “Comei este pão”, na edição “João—Parte 1”, de *A Verdade para Hoje*.

sinais de cura e havia realizado o milagre da multiplicação, mas isso não era suficiente. Para os que possuíam corações endurecidos, nenhum sinal seria suficiente.

O que eles realmente queriam era outra refeição gratuita. Afinal, reconheciam que Jesus era um Profeta como Moisés³⁰, e Moisés dera a seus pais pão no deserto—não só uma vez, mas todos os dias (João 6:31; veja Êxodo 16)! Jesus respondeu que era Deus, e não Moisés, quem lhes dera pão (João 6:32a). Além disso, Deus poderia lhes dar “o verdadeiro pão do céu” que “dá vida ao mundo” (João 6:32b, 33b).

Pão que “dá vida”—era exatamente isto que eles queriam! Disseram, então: “Senhor, dá-nos sempre desse pão” (João 6:34)³¹. Mais uma vez a resposta de Jesus transformou-se numa inesperada—e indesejada—declaração, quando dos Seus lábios saíram estas surpreendentes palavras: “Eu sou o pão da vida” (João 6:35a; grifo meu). Este é o primeiro “eu sou” de uma série de sete dessas declarações registradas no Livro de João³². Cada uma dessas declarações possui um significado diferenciado, mas todas também constituem afirmações da Sua divindade; pois só Deus pode verdadeiramente dizer, em todo e qualquer momento: “Eu sou” (em outras palavras, “Eu sou Aquele que sempre existiu”; veja Êxodo 3:13–15).

Jesus deu continuidade à Sua surpreendente declaração: “...o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede” (João 6:35b). Ali estava novamente aquela palavra insistente: “crer”!³³ E Jesus acrescentou com tristeza: “Porém... embora me tenhais visto, não credes” (João 6:36). J. W. McGarvey escreveu:

A personalidade de Jesus era a maior prova da Sua divindade, mas os judeus... recusaram-se a levar isto em consideração e continuaram pedindo por um sinal.... Quando alguém se recusa a

³⁰Reveja os comentários sobre João 6:14 citados anteriormente nesta lição.

³¹Compare isto com o pedido da samaritana em João 4:15. Há muitos paralelos entre a conversa de Jesus com a mulher em João 4 e Seu sermão em João 6. Cristo usou a figura da água em João 4 porque água era o que estava na mente da mulher, e Ele usou a figura do pão em João 6 porque a preocupação da multidão era a comida. A idéia principal ainda é a mesma. Todavia, a conversa de João 4 resultou em aceitação, enquanto a de João 6 terminou em rejeição.

³²Veja também os versículos 48 e 51. As outras ocorrências de “eu sou” encontram-se em 8:12, 58; 10:11; 11:25; 14:6 e 15:1.

³³Jesus usou mais outras palavras para reforçar a necessidade de crer nEle (veja João 6:40, 47), mas, como já foi dito, o espaço não permite uma análise de cada versículo.

crer no sol tendo visto a sua luz, sentido o seu calor e testemunhado seu poder revigorante, com qual sinal você demonstraria a essa pessoa a existência do sol?³⁴

2) “Os judeus” postos à prova. A essa altura, “os judeus” começaram a murmurar “porque [Jesus] dissera: Eu sou o pão que desceu do céu” (João 6:41). Geralmente, João usava a expressão “os judeus” referindo-se aos líderes judeus (1:19; 5:10, 15, 16, 18), e talvez seja esse o sentido aqui.

Apesar da murmuração dos judeus, Jesus recusou-Se a voltar atrás com Sua declaração. Ao contrário, Ele reforçou-a, dizendo:

Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que todo o que dele comer não pereça. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém dele comer, viverá eternamente; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne (João 6:48–51).

Jesus se fizera carne (João 1:14) para trazer vida espiritual (João 10:10). E também, em questão de meses, Ele daria voluntariamente a Sua carne para ser pregada numa cruz “pela vida do mundo”. Esses conceitos elevados estavam além da compreensão daqueles judeus preconceituosos. Em vez de pedirem humildemente uma explicação a Jesus, “começaram a discutir entre si. E perguntavam: Como é que este homem pode dar a sua própria carne para a gente comer?” (João 6:52; NTLH). A resposta de Jesus foi ainda mais surpreendente e intrigante: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (João 6:53).

Os judeus estavam familiarizados com o uso figurado da expressão “comer pão” num sentido religioso. David Smith salientou o seguinte: “Essa linguagem soava menos estranha aos ouvidos judeus do que soa hoje aos ouvidos modernos, pois nas Escrituras e na literatura rabínica afim, a instrução é chamada de pão e diz-se que quem a absorve a come”³⁵. Da mesma forma, a idéia de comer carne

³⁴J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels* (“O Evangelho Quádruplo ou Harmonia dos Quatro Evangelhos”). Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, p. 385.

³⁵David Smith, *The Days of His Flesh: The Earthly Life of Our Lord and Saviour Jesus Christ* (“Os Dias da Sua Carne: A Vida Terrena do Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”), 8a. ed. Londres: Hodder and Stoughton, 1910, p. 241 (grifo dele); citado em Robert Duncan Culver, *The Life of Christ* (“A Vida de Cristo”). Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1976, p. 147n.

e beber sangue deve ter sido repulsiva para eles. A Lei condenava que se comesse ou bebesse sangue (Levítico 17:10–14).

Jesus, por certo, não estava falando literalmente do consumo canibal da Sua carne e sangue³⁶, mas estava Se referindo a aceitá-IO como o Messias “na carne”. De fato, Ele já havia dito aos cétricos como “comer Sua carne”, mas eles não deram ouvidos:

.... A obra de Deus é esta: que *creiais* naquele que por ele foi enviado (João 6:29; grifo meu).

...o que *crê* em mim jamais terá sede (João 6:35; grifo meu).

...embora me tenhais visto, não *credes* (João 6:36; grifo meu).

De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele *crer* tenha a vida eterna... (João 6:40; grifo meu).

Em verdade, em verdade vos digo: quem *crê* em mim tem a vida eterna (João 6:47; grifo meu).

Consideremos o seguinte: Jesus disse que “quem *crê tem a vida eterna*” (João 6:47; grifo meu; veja também v. 40). Logo depois, Ele disse: “Quem comer a minha carne e beber o meu sangue *tem a vida eterna*” (João 6:54a; grifo meu). A menos que haja duas maneiras de se obter vida (e só há uma; João 14:6), “comer a Sua carne e beber o Seu sangue” equivalem a “*crer nEle*”.

A fé vem pelo ouvir a respeito de Jesus e por aceitar o que se ouviu. Cristo disse: “Está escrito nos profetas: E serão todos ensinados por Deus³⁷. Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim” (João 6:45). Ele também disse: “as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (João 6:63b).

Assim como assimilamos o alimento comendo, assimilamos Jesus aprendendo com Ele, aceitando-O, crendo nEle e obedecendo a Ele. Assim como o alimento que ingerimos torna-se parte dos nossos corpos, os pensamentos e o caráter de Cristo deve tornar-se parte das nossas almas. Johnny Ramsey escreveu o seguinte: “Ele está exortando: Absorvam meu espírito, imitem minha maneira de pensar, sigam minhas instruções; sim, aprofundem-se nos

caminhos do céu!”³⁸ Somos desafiados a nos tornarmos “co-participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4), a deixar que Cristo seja “formado” em nós (Gálatas 4:19), até podermos dizer com Paulo: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20).

Quando Jesus falou de comer Sua carne e beber o Seu sangue em João 6, Ele não tinha em mente a santa ceia. É natural que, por estarmos familiarizados com o simbolismo da ceia, nos lembremos dela ao ler a terminologia de Cristo nos versículos 53 a 56. O contexto é claro, porém, que Cristo não estava Se referindo à participação da comunhão, mas ao fato de os judeus O aceitarem como o Messias. A fé—ou a falta dela—é o tema do sermão do pão da vida.

3) *Os discípulos postos à prova.* A tensão continuou aumentando: “muitos dos seus discípulos, tendo ouvido tais palavras [as palavras de Jesus sobre ser Ele o pão da vida], disseram: Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6:60). Tenhamos em mente que este grupo mais recente de murmuradores (João 6:61a) não se compunha dos inimigos de Jesus nem de representantes da multidão superficiais e interessados somente no pão. Eram, sim, discípulos dEle, alguns dos quais O acompanhavam há muito tempo. (O termo “discípulos” incluía os doze [João 6:64], e o restante dos discípulos em tempo parcial [Lucas 6:13].)

Por que o ensino de Jesus incomodou Seus seguidores? Ele contradizia suas pré-concepções de um Messias político e munido de espada. Por isso, Cristo interpelou-os com tristeza: “Isto vos escandaliza? Que será, pois, se virdes o Filho do Homem subir para o lugar onde primeiro estava?” (João 6:61b, 62). Em outras palavras: “Se vocês têm dificuldade para me aceitar como o Messias porque eu me concentro no espiritual e não no físico, como vão reagir à minha partida desta terra sem ter estabelecido o tipo de reino que estão esperando?” A ascensão de Jesus ao céu de fato resultou no estabelecimento do reino/igreja—no primeiro Pentecostes após a Sua morte, sepultamento e ressurreição—mas Seus seguidores estavam prevendo um tipo de reino diferente.

Jesus enfatizou novamente que as questões espirituais são muito mais importantes que as da carne (João 6:63); e mais uma vez Ele teve de concluir: “...há descrentes entre vós” (João 6:64a). Mencionei

³⁶Esta é uma das passagens usadas pelos católicos para justificar a eucaristia, na qual afirmam que o pão e o vinho se transformam literalmente na carne e no sangue de Jesus. Quando, porém, Cristo instituiu a santa ceia, Ele deixou claro que ela era um *memorial* (Lucas 22:19; 1 Coríntios 11:24, 25). Discutiremos isto mais adiante nesta série, quando estudarmos a instituição da ceia do Senhor (Mateus 26:26–29; Marcos 14:22–25; Lucas 22:19, 20; 1 Coríntios 11:23–26).

³⁷Leia Isaías 54:13; Jeremias 31:33, 34.

³⁸Johnny Ramsey, “Eat My Flesh; Drink My Blood”, (“Coma a Minha Carne; Beba o Meu Sangue”) *Gospel Minutes*. 27 de julho de 1979, p. 3.

no início desta lição que o discurso de Cristo desencadeou um dos momentos de menor popularidade do Seu ministério: “À vista disso, muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele” (João 6:66)³⁹.

A prova de fé de Jesus causou murmurações, discussão e finalmente deserção e rejeição. A maioria dos alunos da sua “classe” foi reprovada.

4) *Os apóstolos postos à prova.* Ainda faltava a prova mais crucial. Cristo virou-Se para os doze e perguntou: “Porventura, quereis também vós outros retirar-vos?” (João 6:67). Percebemos, seguramente, tristeza e até preocupação nessas palavras.

A resposta de Pedro deve ter alegrado o coração do Mestre. Falando em nome dos apóstolos, ele disse: “Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras da vida eterna; e nós temos crido e conhecido que tu és o Santo de Deus” (João 6:68, 69). No contexto, as palavras chaves são “temos crido”. A fé deles era perfeita? Entendiam completamente quem era Cristo? A verdadeira natureza do reino estava clara em suas mentes? Não, sem dúvida, não. Mas ainda estavam convencidos de que Jesus era o Messias, e estavam comprometidos com Ele. A fé dos apóstolos estava aumentando. Passaram no teste!

Façamos uma correção: a maioria deles passara no teste. Pedro não sabia disso⁴⁰, mas o que ele disse foi em nome de apenas onze dos apóstolos. Os textos bíblicos indicam que os incidentes relativos ao sermão do pão da vida foram um fator determinante para Judas finalmente rejeitar Jesus (João 6:64, 70, 71)⁴¹. Nessa ocasião, Judas não saiu fisicamente, como fizeram tantos outros, mas seu coração já não estava com o Senhor. A frustração deve ter tomado conta da sua alma quando Cristo recusou o trono terreno e os benefícios que o acompanham⁴² (João 6:15). A descrença deve tê-lo dominado completamente quando as palavras de Jesus dispersaram as massas; não era assim que se construiria um império! Os doze coletivamente receberam uma nota de aprovação no teste, mas Judas infelizmente foi reprovado.

³⁹Desse momento em diante, João usou em seu relato a palavra “discípulo” somente no sentido de “verdadeiro discípulo”.

⁴⁰Até o fim, os demais apóstolos não sabiam da incredulidade de Judas (veja João 13:21, 22).

⁴¹Judas é de certa forma um enigma. Alguns pintam um quadro muito tenebroso dele (afirmando: “Ele era um demônio desde o princípio”), enquanto outros tentam exonerá-lo do seu ato pecaminoso de vender o Senhor. Em futuras edições desta série apresentaremos mais comentários sobre essa personagem.

⁴²Judas estava interessado em dinheiro (João 12:6).

CONCLUSÃO

Haveriam outras provas para os apóstolos (veja Mateus 16:13), mas nenhuma outra prova surtiu um efeito tão amplo nos que alegavam seguir Jesus. Quer entendamos isto, quer não, você e eu ainda estamos sujeitos aos mesmos exames:

1. Confio que Ele vai cuidar das minhas necessidades, ou fico alarmado e ansioso quando surgem problemas?
2. Confio que Ele vai me proteger, ou fico todo temeroso quando tribulações assolam a minha vida?
3. Confio que Ele me dá vida? Se confio, darei minha vida a Ele.

Lembre-se: só os que têm fé, fé verdadeira, obtêm uma nota de aprovação.

Notas

Fiz um grande esforço para escolher um sermão que tivesse ligação com esta lição. Gostaria de ter preparado um sermão sobre a multiplicação miraculosa e também sobre o discurso do pão da vida. Todavia, eu não queria que a opção de dois sermões acompanharem uma lição se tornasse uma prática. Eu estava mais propenso ao texto do pão da vida porque ele geralmente é menos conhecido, mas escolhi o da multiplicação para os cinco mil porque ele foi tão importante para os cristãos primitivos⁴³ e porque ainda é tão popular entre os cristãos de hoje. A tentativa de elaborar um sermão expositivo sobre esse incidente na próxima lição.

Se eu tivesse preparado um sermão sobre o pão da vida, minha abordagem seria “Procurando Deus por Motivos Errados”. Jesus estava cercado de seguidores interessados primeiramente nos benefícios físicos que Ele poderia proporcionar, no lugar das bênçãos espirituais que Ele poderia conceder. E nós?

Na verdade, esta lição apóia-se em textos repletos de potencial homilético. Usei a história da *multiplicação para os cinco mil* para pregar sobre ajudar os outros. Ela poderia ser adaptada para um sermão sobre a necessidade de evangelizar: “Alimentando as Massas”: 1) Devemos nos preocupar com as necessidades espirituais das massas assim como Jesus preocupou-Se com as necessidades físicas da multidão. 2) Para alimentar as massas

⁴³Veja as observações sobre isso no sermão que vem a seguir.

espiritualmente, temos de olhar para além dos limites dos nossos próprios recursos e aprender a depender do Senhor. 3) O alimento espiritual vem do Senhor (a Palavra). Nossa responsabilidade não é produzir esse alimento, mas partilhá-lo—como fizeram os apóstolos.

Consideremos a história de *Jesus andando sobre a água e acalmando a tempestade*: um sermão sobre esse episódio poderia ser intitulado de “Quando Cristo Parece Estar Longe”. Aqui estão alguns pontos principais: 1) Tempestades surgem, mesmo quando você está obedecendo ao Senhor. 2) Jesus sabe quando uma tempestade ameaça a sua vida. 3) Quando surgirem tempestades, não olhe para a sua fraqueza, mas confie na força do Senhor. 4) Creia que Ele pode acalmar a tempestade. 5) Com a calmaria podem vir bênçãos inesperadas (João 6:21b).

Também é possível pregar sermões sobre apenas uma parte da história acima: *Pedro andando sobre a água (e afundando)*—com ênfase em olharmos para Jesus e não para os ventos e as ondas da vida.

Há outros aspectos do *discurso de Jesus sobre o pão da vida* em João 6 dignos de uma pregação. Por exemplo, um único trecho na história do pão da vida pode servir como trampolim para um sermão significativo: “A quem iremos?” (v. 68). Algumas pessoas recusam-se a analisar Jesus seriamente até entenderem que Ele é a única opção viável para os problemas do mundo—e a única esperança para suas almas.

Novamente, como a multidão tinha o maná do deserto em mente, Cristo fez um contraste en-



tre esse maná e o pão da vida. Talvez você queira preparar um cartaz mostrando esse contraste, a ser usado como um esboço de pregação. Abaixo apresentamos um cartaz ilustrativo para incentivá-lo a pensar nisso.

O PÃO DA VIDA (João 6:27-58)

O MANÁ

Proveniente de Deus (vv. 31, 32)

Perecível (v. 27)

Físico (pão)

Quem o come volta a ter fome (implícito)

Quem o come não deixa de morrer (vv. 49, 58)

Obtido através da ingestão (v. 31)

O PÃO DA VIDA

Proveniente de Deus (vv. 32, 58)

Duradouro (v. 27)

Espiritual (Jesus; vv. 35, 48, 51)

Quem o come fica satisfeito (v. 35)

Quem o come vive (vv. 33, 40, 47, 50, 51, 58)

Obtido através da fé (vv. 29, 35, 36, 40, 47)

Autor: David Roper

© Copyright 2007 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS